

KAMALA
HARRIS

UMA VIDA
AMERICANA

DAN MORAIN



ACTUAL

ÍNDICE

1. A FILHA DE SHYAMALA.....	9
2. ESSA MENINA.....	21
3. INSTRUÇÃO, <i>APARTHEID</i> E CARNIFICINA.....	29
4. TOMANDO O GOSTO À POLÍTICA	39
5. DEFININDO A SUA VISÃO	51
6. TORNANDO-SE UM NOME SONANTE	57
7. CORTANDO CABEÇAS. FIGURATIVAMENTE.....	63
8. AGENTE ABATIDO.....	71
9. TORNANDO-SE «ASTUTA» NO COMBATE AO CRIME.....	77
10. HARRIS E OBAMA	83
11. A CORRIDA LOUCA.....	87
12. A MUDANÇA CHEGA À CALIFÓRNIA.....	99
13. A PROCURADORA-GERAL HARRIS	107
14. A RELÍQUIA.....	115
15. MARCHAS NUPCIAIS	123
16. AS MALDITAS FOTOS.....	133
17. O COLAPSO HIPOTECÁRIO	139
18. MULHERES FENOMENAIS	147

19. «APENAS UM TIPO»	151
20. MULHER COM PRESSA	157
21. JOE BIDEN DÁ UMA MÃO A HARRIS.....	163
22. ESCOLHENDO OS ALVOS	173
23. TRAVANDO UMA GUERRA ETERNA	179
24. «VAI-TE A ELES»	187
25. «TENCIONO LUTAR».....	195
26. A ENTRADA NO PALCO NACIONAL	201
27. A RESISTÊNCIA	207
28. «EU FAÇO AS PERGUNTAS»	217
29. «SIM OU NÃO».....	223
30. HARRIS CONTRA KAVANAUGH	231
31. UMA MORTE NA FAMÍLIA	239
32. «PELO POVO».....	245
33. O MOMENTO É TUDO	251
34. DANÇAR À CHUVA.....	259
Agradecimentos	267
Notas	271

A FILHA DE SHYAMALA

Se Kamala Harris deve o seu lugar na história a alguém, é à imigrante indiana de 26 anos que a deu à luz no Hospital Kaiser em Oakland, na Califórnia, no outono de 1964. Talvez não tenha sido coincidência que o seu nascimento tivesse ocorrido apenas duas semanas antes do dia das eleições e na Califórnia. Era um ano e um estado que viriam a revelar-se a incubadora ideal para uma menina que cresceu a dar provas de que o progresso social e a luta política sem tréguas andam de mãos dadas.

Aquela menina cresceu para se tornar uma mulher rija, arguta, exigente, dedicada, inteligente, multifacetada e multicultural. Não há muito que escape a Kamala Harris e menos ainda é o que esquece. Tem apoiantes fiéis, que fazem parte da sua organização política desde o início, mas já afastou pessoas que em tempos foram como família. Quando as câmaras estão desligadas, demonstra empatia e é amável para as pessoas que não a puderam ajudar, mas há também quem a conheça bem que a vê como fria e calculista. Embora esteja constantemente exposta, Harris partilha poucos pormenores da sua vida pessoal. Grande apreciadora de comida, encontra alegria a cozinhar e a jantar em bons restaurantes e em tascas esconsas. Da única vez que almoçámos juntos, escolheu um restaurante caribenho familiar do lado oposto ao Capitólio, em Sacramento — falou acerca das diversas especiarias e comeu devagar, ao contrário de mim, como fez questão de comentar. Sobretudo, é a filha da sua mãe. As pessoas que trabalham junto dela dizem que raramente passa uma semana sem que recorde uma qualquer pérola de sabedoria que lhe foi transmitido por Shyamala Gopalan Harris, que morreu em 2009. O que repete mais frequentemente em público é: «Podes ser o primeiro a fazer muita coisa,

mas certifica-te de que não és o último.» Em momentos importantes da sua vida, chega a ficar com os olhos marejados de lágrimas ao lembrar-se da mãe, claramente desejando que ela estivesse a seu lado.

«A minha mãe, Shyamala Gopalan Harris, era uma força da natureza e a maior fonte de inspiração da minha vida», escreveu Harris no Instagram, num *post* de homenagem à mãe durante o Mês da História das Mulheres, em 2020. «Ela ensinou-nos, a mim e à minha irmã Maya, a importância do trabalho árduo e a acreditar na nossa capacidade de corrigir o que está errado.»

Shyamala Gopalan tinha pouco mais de um metro e meio de altura. Era a mais velha de quatro filhos de um alto funcionário do governo, numa família de pessoas bem-sucedidas e numa nação que conquistou a sua independência da Grã-Bretanha em 1947, nove anos depois de ela ter nascido. Tinha 19 anos em 1958, quando concluiu a licenciatura em Ciências Domésticas na Universidade Lady Irwin, em Nova Deli, na Índia, e, com a bênção do pai, viajou para Berkeley em busca de uma melhor e mais substancial educação. Doutorou-se em nutrição e endocrinologia e, nas décadas seguintes, obteve reconhecimento pela sua investigação no campo do cancro da mama. O seu trabalho foi citado mais de uma centena de vezes noutros estudos de investigação, tendo angariado mais de 4,76 milhões de dólares em subsídios para o seu trabalho de investigadora.

«A minha mãe foi criada numa casa onde o ativismo político e a liderança cívica eram uma coisa natural», escreveu Kamala Harris na sua autobiografia de 2019, *The Truths We Hold*. E acrescentou: «Inspirada pelos meus avós, a minha mãe desenvolveu uma apurada consciência política. Tinha consciência da história, das lutas e da falta de equidade. Nasceu com um sentido de justiça gravado na sua alma.»

No outono de 1962, Shyamala Gopalan participou num ajuntamento de estudantes negros em que o orador era um jovem jamaicano, Donald Jasper Harris, que estava a estudar para se tornar economista. Ele tinha imigrado da Jamaica em 1961, chegando a Berkeley também em busca de melhor instrução. Era um tanto ou quanto radical, ou, como diriam os economistas, um «heterodoxo». Não aderiu às teorias económicas tradicionais então privilegiadas pelas universidades dos Estados Unidos. Donald Harris disse ao *The New York Times* que Gopalan, usando um sári tradicional, se dirigira a ele depois do seu discurso e que «se destacava

de todo o grupo, tanto dos homens como das mulheres, pela sua aparência». Ele ficou encantado. Encontraram-se e conversaram mais algumas vezes e, como ele disse, «o resto da história já vocês conhecem».

Gopalan e Harris casaram-se em 1963, um ano depois de a Jamaica ter conquistado a sua independência do Reino Unido. O anúncio do casamento no *Kingston Gleaner* de 1 de novembro de 1963 relatava que ambos estavam a terminar o doutoramento. Kamala Devi nasceu em 1964, e a irmã, Maya Lakshmi, dois anos depois. Devi é a deusa-mãe hindu. Lakshmi é a deusa-lótus da prosperidade, da beleza e da boa sorte. Shyamala contou a um jornalista do *Los Angeles Times*, em 2004, que deu às filhas nomes derivados da mitologia indiana para ajudar a preservar a sua identidade cultural e acrescentou: «Uma cultura que venera deusas produz mulheres fortes.»

Em meados e finais dos anos 1960, ambos os progenitores estavam ativamente envolvidos no movimento pelos direitos cívicos. Harris conta que chegou a ser levada para manifestações num carrinho de bebé. Lembra uma história de família em que, numa dada ocasião, estando agitada no carrinho, a mãe lhe perguntou o que queria.

«Libe-dade!», consta que terá respondido.

Como muitos académicos, Donald Harris foi itinerante nos seus primeiros anos de carreira, mudando de Berkeley para a Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign, daí para a Northwestern University, depois para a Universidade de Wisconsin, e de novo para a Baía de São Francisco e Stanford, em 1972. O jornal universitário *Stanford Daily* caracterizava a sua filosofia económica como marxista. Marxista ou não, clássica é que não era de certeza, o que só veio diminuir drasticamente as suas hipóteses de encontrar emprego permanente. Em 1974, quando a sua posição de professor convidado estava a terminar, alguns dos docentes de economia de Stanford sentiram relutância em recomendá-lo para uma posição a tempo inteiro. A Organização por uma Política Económica Radical* mobilizou-se em prol de Harris e a questão mereceu a cobertura do *Stanford Daily*. Os estudantes lançaram uma petição, assinada por mais de 250 pessoas, exigindo que o Departamento de Economia assumisse um «compromisso formal» com a economia marxista e que mantivesse um corpo de três membros da faculdade a trabalhar neste

* Na designação original: Union for Radical Political Economics. (N. da T.)

campo, e que esta recomendasse Harris para ocupar um cargo permanente e a tempo inteiro. Donald Harris escreveu que não era seu «anseio ou aspiração permanecer» em Stanford. Mas acabou por ser contratado, tornando-se o primeiro economista negro a alcançar uma cátedra permanente no Departamento de Economia de Stanford. Manteve-se na universidade até 1998, altura em que se retirou do ensino. Harris ainda detém o estatuto de professor emérito.

Shyamala e Donald separaram-se em 1969, quando Donald estava a dar aulas na Universidade de Wisconsin, tendo Kamala cinco anos e Maya três. Em janeiro de 1972, interpuseram a ação de divórcio. Harris escreveu na sua autobiografia que «se eles fossem um pouco mais velhos, um pouco mais maduros emocionalmente, talvez o casamento tivesse sobrevivido. Mas eram tão novos. O meu pai foi o primeiro namorado da minha mãe.»

Num ensaio de 2018, Donald Harris lamentou que o contacto próximo com Kamala e Maya «tivesse sido bruscamente interrompido» depois da luta contenciosa pela custódia das filhas. Atribuía as culpas pelos termos da regulação do poder paternal ao «falso pressuposto assumido pelo estado da Califórnia de que os pais não podem arcar com as responsabilidades parentais (especialmente este pai, “*um prêto das ilhas*” — um estereótipo ianque que sugeria que um pai deste tipo poderia acabar simplesmente por comer os filhos ao pequeno-almoço!)» Acrescentou: «Ainda assim, perseverei e nunca desisti do meu amor pelas minhas filhas.»

A sentença final de divórcio, datada de 23 de julho de 1973, determina que Shyamala fica com a guarda das filhas, mas que Donald tem direito a ficar com as meninas em fins de semana alternados e durante 60 dias no verão. Sobre levar as filhas à Jamaica para conhecerem os seus familiares e ficarem a conhecer o mundo que ele conheceu em criança, escreveu o seguinte: «Tentei transmitir-lhes esta mensagem em termos muito concretos, através de visitas frequentes à Jamaica e do envolvimento na vida de lá, com toda a sua riqueza e complexidade.»

«É claro que, em anos posteriores», acrescentou, «quando elas já eram mais maduras para compreender, eu também tentava explicar-lhes as contradições da vida económica e social num país “pobre”, como a impressionante justaposição da pobreza e riqueza extremas, ao mesmo

tempo que eu próprio trabalhava arduamente junto do governo da Jamaica para conceber um plano e as políticas apropriadas para fazer frente a essas condições.»

Mas por mais que tentasse, as lições da mãe de Harris parecem ter deixado uma marca mais profunda. Harris faz referências à mãe ao longo de toda a sua autobiografia. Menciona o pai em menos de uma dúzia de páginas. «O meu pai é um tipo excelente, mas nós não somos muito chegados», disse ela numa entrevista em 2003.

Na sua biografia oficial, que pode ser consultada no *site* da procuradoria-geral da Califórnia, Harris descreve-se como «a filha da Dr.^a Shyamala Gopalan, uma especialista tamil em cancro da mama que viajou para os Estados Unidos a partir de Chennai, na Índia, para prosseguir os seus estudos superiores na UC Berkeley». Essa nota biográfica não faz qualquer menção ao pai.

Num ensaio sobre os seus antepassados jamaicanos, Donald Harris escreve acerca de um Hamilton que existiu algures no passado da sua família, embora o Hamilton da família Harris, Hamilton Brown, pouco tivesse em comum com Alexander Hamilton, abolicionista e um dos Pais Fundadores da nação. «As minhas raízes remontam, dentro dos limites temporais da minha vida, à minha avó materna, *Miss Chrishy* (nascida Christiana Brown, descendente de Hamilton Brown, que está registado como dono de escravos e plantações e como fundador da cidade de Brown).» Hamilton Brown nasceu por volta de 1775 no condado de Antrim, na Irlanda, tendo ainda jovem navegado até à ilha caribenha da Jamaica. O seu primeiro ato de que há registo na sua nova terra ocorreu em 1803, quando vendeu pessoas negras a outro homem. Nas três décadas seguintes, Brown tornou-se um participante voluntário, e seu perpetrador, no brutal sistema jamaicano de escravatura, sendo ao mesmo tempo um dos mais ativos opositores do movimento abolicionista liderado pelos protestantes batistas e metodistas.

Esta ocupação constituía uma via comum para a prosperidade para os homens brancos da sua época e proveniência. «Gerir escravos era uma forma de emprego, e, para os homens brancos, ser donos de escravos era uma via para alcançar um maior conforto material, a independência e uma maior liberdade», escreve Christer Petley, um professor de História da Universidade de Southampton, no seu livro *Slaveholders in Jamaica*.

Com efeito, Hamilton Brown ascendeu na sociedade jamaicana, alcançando um lugar na Casa da Assembleia, o órgão legislativo da ilha. Advogado de formação, aparece inscrito como agente, síndico, executor, guardião, gestor, depositário ou administrador em mais de 50 propriedades. Petley avança que as propriedades na Jamaica chegavam a ter 200 escravos.

Os brancos eram proprietários de vastas plantações de açúcar, pimenta e café, enquanto os negros escravizados forneciam a mão de obra. O açúcar jamaicano produzido por escravos foi crucial para o comércio transatlântico e «mais de um terço de todos os navios negreiros que comercializavam com a América britânica atracava ali», escreve Petley. No auge da economia escravagista da Jamaica, 354 mil negros eram reduzidos à servidão por oito a dez mil brancos.

«Na Jamaica, as relações sexuais entre homens brancos e mulheres escravizadas eram comuns e, uma vez que o estatuto legal passava de uma geração para a seguinte por via da linha materna, os filhos de mães escravas nasciam escravos, independentemente do estatuto do pai», avança Petley.

Fossem quais fossem os atos específicos de violência praticados por Hamilton Brown contra as pessoas que escravizou há quase 220 anos, deles não resta memória. Que proporção do seu ADN perdura nos dias de hoje só se poderá saber com testes genéticos. Certo é que Petley defende que «o oportunismo sexual dos homens brancos era um vestígio importante do seu poder de coerção e elevado estatuto social».

Entre os muitos papéis que desempenhou, Brown tornou-se membro dos quadros superiores da milícia. Em inícios da década de 1830, quando os escravos se revoltaram, ele e a sua milícia foram mobilizados para ajudar a debelar a rebelião. Numa das suas escalas, ele e os seus soldados localizaram rebeldes. Dez foram enforcados e 13 receberam 300 chicotadas.

«Brown trabalhou arduamente para reprimir a sublevação e orgulhava-se do que fazia», comenta Petley.

Em 1833, após a revolta dos escravos, o governo britânico cedeu ao movimento abolicionista e aprovou legislação que libertava os escravos jamaicanos. Em anos posteriores, Brown tentou suprir a falta de trabalhadores para as plantações através da importação de operários da Irlanda. Em 1842, apresentou desculpas por não ter uma fortuna maior para deixar

à geração seguinte e lamentou o golpe financeiro que sofreu devido «à grande deterioração da propriedade jamaicana». Morreu em 1843.

Shyamala e Donald Harris viveram em Berkeley e em Oakland quando estas cidades da Baía de São Francisco estavam no centro do movimento pela liberdade de expressão e de muitos tipos de políticas transformadoras para o país. O movimento contra a Guerra do Vietname, a ascensão do ambientalismo, as reivindicações por justiça social, o movimento emergente pelos direitos dos reclusos e muito mais fizeram parte do turbilhão do seu tempo.

«Eles apaixonaram-se à boa maneira americana, enquanto marchavam por justiça no movimento pelos direitos cívicos dos anos 1960. Nas ruas de Oakland e de Berkeley, tive, a partir do carrinho de bebé, uma perspetiva privilegiada das pessoas que se metiam naquilo que o grande John Lewis apelidou de «belos sarilhos», disse Harris na Convenção Nacional Democrata de 2020, quando aceitou a nomeação pelo seu partido para ser candidata à vice-presidência dos Estados Unidos ao lado de Joe Biden.

Foram tempos arrebatadores e de uma seriedade a toda a prova. A Guarda Nacional era regularmente chamada ao *campus* de Berkeley. Granadas de gás lacrimogénio eram lançadas tanto a partir do terreno como de helicópteros. A polícia matou a tiro um manifestante desarmado num protesto em 1969 por causa de um lote de terreno baldio que veio a ser conhecido por People's Park. O Partido Pantera Negra pela Auto-defesa* nasceu em 1966, cofundado por Huey Newton e Bobby Seale. Os Panteras andavam ostensivamente armados enquanto vigiavam abordagens policiais a pessoas negras em Oakland. A percepção de que jovens negros podiam legalmente empunhar armas alarmou as autoridades. Em maio de 1967, pouco depois de Ronald Reagan se ter tornado governador, Newton e Seale lideraram a marcha de uma dúzia de Panteras, ostentando barretes, óculos escuros, blusões de cabedal preto e empunhando armas descarregadas, até ao Capitólio da Califórnia, em Sacramento. Nas manchetes do *Sacramento Bee* podia-se ler: «Panteras Negras armados invadiram o Capitólio.» Os Panteras estavam lá para protestar contra a legislação que visava proibir o porte ostensivo de armas carregadas.

* Na designação original: Black Panther Party for Self-Defense. (N. da T.)

Assinada por um deputado republicano do abastado bairro de Oakland Hills, a legislação incluía uma disposição que proibia que se entrasse no Capitólio com armas de fogo. A lei foi esmagadoramente aprovada com o apoio republicano e democrata.

Com o apoio da Associação Nacional de Rifles [NRA]*, o governador Reagan promulgou a lei no dia a seguir à respetiva aprovação legislativa. «Não há razões para que hoje em dia os cidadãos andem com armas carregadas nas ruas», defendeu. Foi uma das primeiras medidas de controlo de armas da Califórnia. Muitas mais viriam, embora, em anos posteriores, a NRA tentasse, sem grande êxito, bloquear tais medidas.

Esta nova lei não impediu que as ruas de Oakland estivessem repletas de conflitos e perigo. Em outubro de 1967, a polícia mandou parar Newton em plena cidade. Irrompeu um tiroteio, e o agente John Frey foi morto a tiro. Newton, alvejado no estômago, foi acusado de homicídio. «Liberthem o Huey» tornou-se um grito de protesto nas manifestações. Newton foi condenado por homicídio e enviado para a prisão, embora um tribunal de recurso estadual tenha anulado a condenação. Depois de vários julgamentos anulados, o Gabinete do Procurador-Geral do Condado de Alameda decidiu não repetir o julgamento de Newton, e ele voltou às ruas, ainda que não por muito tempo. Newton foi acusado de ter matado uma prostituta e agredido à coronhada um homem que fora seu alfaiate.

Newton havia sido um líder carismático nos anos 1960, e tornou-se uma figura de culto enquanto esteve na prisão. O subprocurador-geral do condado de Alameda, Thomas Orloff, tinha uma perspetiva diferente. Orloff processou Newton por ter matado a prostituta e por agressão à coronhada, «com êxito limitado». Orloff, que veio a tornar-se procurador-geral do condado de Alameda, afirmou: «O Huey Newton que eu via era basicamente um bandido.»

Newton doutorou-se pela Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, mas teve um fim prematuro, quando foi abatido a tiro em 1989 numa rua de Oakland Ocidental durante uma transação de droga.

Enquanto Shyamala Gopalan assistia ao nascimento de uma nova cultura política nos Estados Unidos, também tratou de se certificar de que

* Na designação original: National Rifle Association ou NRA. (*N. da T.*)

as filhas conheciam a sua herança indiana, tendo-as para o efeito levado a meio mundo de distância para conhecerem os avós. Mas os Estados Unidos e os seus pontos de vista raciais e de género estavam a afundar-se. Ela compreendia também que «estava a criar duas filhas de cor» e que, neste país, as pessoas as viam como negras, escreveu Harris na sua autobiografia.

Algumas das lições que Shyamala ensinou às filhas tiveram lugar nas reuniões de quinta-feira à noite no Rainbow Sign, um centro cultural negro em Berkeley. Ali, entre os convidados incluíam-se Shirley Chisholm, a congressista de Nova Iorque e primeira candidata presidencial negra; a cantora de *jazz*, música e líder da luta pelos direitos cívicos Nina Simone e a poetisa Maya Angelou.

«Neste *#BlackHistoryMonth** quero enaltecer a minha mãe e a comunidade do Rainbow Sign, que nos ensinou que tudo era possível, sem estar sobrecarregado pelo que já passou», publicou Harris num *post* nas redes sociais em 2020.

Mas essa lição nem sempre revelou ser verdadeira para Shyamala. Ela trabalhara na UC Berkeley juntamente com uma amiga, a Dr.^a Mina Bissell, que recordou que havia sido prometida a Shyamala uma promoção que, no fim, foi atribuída a um homem. A mãe solteira de Kamala, com 12 anos, e de Maya, com 10, reagiu arranando um emprego como professora na Universidade McGill, em Montreal, em 1976, e investigando o cancro da mama no Hospital Geral Judeu, na mesma cidade.

Shyamala tinha viajado bastante em criança. O pai era um alto quadro público na Índia que, durante a infância de Shyamala, assumiu cargos em Chennai, Nova Deli, Bombaim e Calcutá. Muito provavelmente, teria sido natural para ela mudar-se da Califórnia para o Quebeque em busca de uma nova oportunidade. Para a filha mais velha, no entanto, a mudança foi intimidante. Kamala recorda nas suas memórias que «a ideia de me mudar para longe da soalheira Califórnia em fevereiro, a meio do ano letivo, para uma cidade estrangeira de língua francesa, coberta por um manto de neve com mais de três metros de altura era angustiante». Shyamala matriculou-a na Notre-Dame-des-Neiges, uma escola primária de língua francesa, e, mais tarde, na Escola Secundária de Westmount, uma das mais antigas escolas de língua inglesa do Quebeque.

* Tradução literal: *#MêsDaHistóriaNegra*. (N. da T.)

Em Westmount, Kamala Harris participou em encontros estudantis e lançou uma trupe de dança chamada *Midnight Magic*. Juntamente com cinco amigas, dançou ao som de música *pop* de inícios dos anos 1980, com trajas cintilantes feitos em casa. E também conheceu uma dura realidade.

Wanda Kagan e Kamala Harris eram as melhores das amigas na escola secundária, em Montreal, mas, como acontece com as amizades adolescentes, perderam o contacto depois de terminarem o liceu. As duas voltaram a relacionar-se em 2005. Kagan tinha a televisão ligada quando a amiga apareceu no programa «*The Oprah Winfrey Show*» a falar da sua experiência como primeira mulher negra da Califórnia a ser eleita procuradora-geral.

Kagan telefonou a Harris, e as duas tiveram uma longa conversa em que se puseram a par da vida uma da outra e evocaram memórias conjuntas, incluindo a altura em que Kagan viveu com Kamala, Maya e Shyamala Harris, para fugir aos abusos que ocorriam em sua casa.

Kagan contou que, nessa conversa, Kamala lhe disse que tinha sido inspirada a tornar-se procuradora em grande medida pelo que a amiga «passou a [s]eu lado». Ela disse a Harris que viver com a família dela era uma das poucas boas recordações que tinha daqueles anos. Kagan, que antes contou a sua história publicamente ao *The New York Times*, recordou que a família Harris cozinhava e jantava sempre em conjunto. Por norma, eram pratos indianos. Nunca tinha comido nada assim. Foi uma altura especial para ela. Na casa das Harris, Kagan não era simplesmente «uma pessoa que agora estava a viver na nossa casa». Foi recebida de braços abertos, como membro da família. Shyamala insistiu para que ela fosse acompanhada por um terapeuta. A experiência de Kagan foi tão profunda que batizou a filha como Maya. A história daquele vínculo entre as miúdas adolescentes décadas atrás em Montreal viria a tornar-se parte da campanha presidencial de 2020.

A entrada de Harris no anuário da escola secundária mostra que ela estava desejosa de voltar aos Estados Unidos. Descrevia a felicidade como «fazer telefonemas internacionais» e, na sua entrada sobre a recordação mais querida, lê-se: «Califórnia, Angelo; verão de 1980.» Na sua fotografia do anuário escolar, ela está a sorrir; em breve iria entrar no seu ano de caloiria na Universidade Howard, uma faculdade historicamente para negros na cidade de Washington. Nesse anuário escolar, Harris encoraja

a irmã: «Fica na Boa MA YA!» Maya viria a tornar-se a mais chegada confidente de Kamala Harris, à medida que esta subia no mundo da política. A filha de Shyamala presta tributo à força da natureza que foi a sua maior fonte de inspiração: «Obg. especial p^a: a minha mãe.»